

18 / 01 / 23

Aconteceu agora, de novo, aquele momento de alívio
luto desespero. É o momento em que me dou conta,
por alguma "ésima" vez, que nesse exato momento
inúmeras crianças estão sofrendo abusos, estupros
e diversas formas de violência sexual. Crianças,
meninas, bebês de colo. Você já parou para pensar
nisto? Que isso ocorre? Isso te assombra? Deve
ser muito bom viver uma vida inteira sem ter
esses momentos.

Ludmila

19/01/23

Rodrigo,

Faltando 8 dias para a data de te entregar
o trabalho final da disciplina eu finalmente
sentei para escrever e estou aqui tentando
me convencer de que esse é o meu processo de
escrita, que estou construindo e conhecendo
e não uma procrastinação acadêmica vulgar.

É isso é muito difícil porque me falta autoesti-
ma e decolonização. (OBS. Isso estava na minha
monografia e na minha defesa na graduação).

É muito difícil acreditar que, sendo eu tão
colonizada, estava pensando de forma decolonial
em 2009.

É, penso, imediatamente, que deveria mostrar
que sei conceituar e situar bibliográfica e teórica-
mente o pensamento decolonial.



Então hoje eu estou te escrevendo para te dizer que eu sigo em conflito com esse processo de escrever. Essa carta deveria ser sobre o trabalho da disciplina mas eu não consigo parar de pensar nas perguntas que você me fez: onde começa essa história? Por onde você quer começar a contá-la? E, que história é essa?

Acho que essa carta provavelmente vai ser o início do meu trabalho da disciplina de Seminário de Leitura.

É agora eu preciso pesquisar direito como se faz um ensaio ou outro tipo de texto acadêmico, para saber se isso que estou escrevendo haverá de se aproveitar.

É impossível não me sentir ridícula e essa palavra resume como me sinto a maior parte do tempo diante de você. Academicamente ridícula.

É escrever, ^{autobiograficamente,} sobre o processo de escrever meu 12 trabalhos acadêmicos no mestrado.

↳ Usar essas cartas coladas. Respeito c/ o original. ^{↳ Nas cópias acadêmicas serão fotos das cartas.}

Isso não faz parte da sua carta, é pra mim. Normalmente eu separo mas agora não consegui.

E, essa carta é sobre ^{como} a orientação para a dissertação que você me deu dia 13/01 (sexta-feira 13) fez nascer o meu trabalho da sua disciplina.



_ / _ / _

É agora eu já sei qual é o meu trabalho. É hoje eu fiz uma moedinha numa fonte, pedindo (em outras palavras) força e inspiração.

(As minhas palavras foram: que eu consiga escrever um bom artigo na disciplina do Rodrigo.

Já sei qual meu trabalho e agora vou fazer. Ah, esqueci de dizer que gastamos exatamente 8 emails para marcar a minha primeira aula de orientação. É isso definitivamente é um dado ~~ho~~ que leu a nossa comunicação, mas eu ainda não sou capaz de interpretá-lo; uma vez que ele já foi ^(por mim) construído.

É me late a insegurança de você me responder tudo em branco nas minhas folhas e dizer que sequer há o que comentar, além de: isso não serve ~~de nada~~ ^{de} nada — isso não serve de nada para você fazer uma dissertação e não tem nada a ver com nada. Você é louca. Melhore.

A ironia diz força o desespero. É, para começar a escrever esse "proto texto", eu estou precisando fortemente não ouvir a voz que me diz o tempo todo que eu não deveria estar no mestrado na UnB, que eu não sei escrever e não tenho nada a dizer além de bobagens sem sentido.

É, até escrever essa carta (até aqui); eu parei umas 4x. Atendi uma prima com problemas com ^{o tele fone} ~~de~~ os pais, cheguei meu email, perguntei o pai da.

1 / 1
queria
Clarissa, minha filha, se ela dormiria na casa
dela ^{com ela} ou na minha nova. E, também, reli o email
que enviei para o professor Sérgio da UFMT. E
vi o whatsapp. Já te contei que eu tenho
~~o~~ TDAH praticamente diagnosticado?
Para não ter exageros, encerro aqui.

